

UE MUTUM EU

DAVINA MARQUES (USP)

Resumo:

A arte é potência do pensamento. A arte é potência de afectos e perceptos. A arte é criação. Cinema, literatura, potências de arte. Toda criação brota da relação: o artista cria em relação intensiva com a Terra. Esta, enquanto território, é também um lugar de passagem. Pensando na relação com a música, a arte se manifesta em ritornelos. Deleuze-Guattari. Sílvio Ferraz. Algo retorna, mas se repete na diferença. Ressonâncias. Uma presença surge e escapa, um salto para fora, um bloqueio daquilo que é o mesmo... A apresentação de um outro quadro de relações. Agenciamentos possíveis. Pensar o meu território. Por onde ando? O que há no caminho que sigo diariamente? O que pode me afetar nesses trajetos cotidianos? Quais são os sons que ouço? Que ritmos exercito? Que sons me ampliam a visão? Nomadismo de asfalto, concreto, chão fabricado. Trans-ver linhas, experimentar, captar sonoridades. Virar bicho da terra. Devir animal. Geomorficar-se, em motivos e contrapontos. Prisma de luz e sombras. Um-personagem, um-multidão. Agamben. Pensar com as imagens, transver Guimarães Rosa: o que se manifesta neste mutum? Esta comunicação traz uma composição, um plano de imagens e de sons, para problematizar... E de repente “vemos” algo antes não visto, uma alegria, uma sensação que nos movimenta a. Intensividades da terra, devires expressivos, que sempre voltam e se reapresentam. O ritornelo faz germinar, produz movimentos, inclusive os que escapam à terra e lançam-se para fora, para o Cosmo.

Palavras-chave: ritornelo; literatura; experimentação.

*O ensaio é assim um modo de partir de textos literários, ou de poemas,
mas também de muitos outros textos e coisas, vozes, gestos, idéias ou lugares.
De onde se parte nunca é indiferente,
mas o mais importante são as linhas que se traçam.*

Silvina Rodrigues Lopes

Ensinam-nos Gilles Deleuze e Félix Guattari que a arte é potência do pensamento. O artista, mergulhado em algo que esses autores chamam de caos, cria. No caos existe o movimento, um turbilhonamento de idéias que surgem, que escapam. É preciso, então, fazer um recorte, traçar um plano nesse caos potência do pensamento, para criar. Na vontade de criação, sentem-se impulsos de aventura. No pensar literatura e cinema, buscam-se imagens. Um pensar experimental se aproxima, se avizinha, mas escapa, resiste à captura.

Este trabalho se propõe a relacionar “Campo Geral”¹, de João Guimarães Rosa, em relação a “Mutum”, filme de Sandra Kogut, em cruzamento com um outro espaço ainda, outro chão, de apartamento, de concreto, chão fabricado. A novela apresenta o viver do menino Miguilim, no interior de Minas Gerais, no Mutum; um viver atravessado por tristezas, alegrias, poesia e beleza, em um lugar de introspecção e de duro crescimento para o protagonista maior da novela. “Mutum” transformou esta novela em imagem, e nos tocou, assim, de outra maneira, em forma de filme. Ao pensar essa relação cinema-literatura, recorreremos aos escritos de Deleuze, com ou sem a parceria de Guattari, referenciais profícuos para um estudo que se propõe a criar e estabelecer relações. Deleuze é um autor que se dedicou a pensar o nosso mundo contemporâneo, e o fez a partir de um profundo conhecimento filosófico e grande interesse por outras áreas do conhecimento humano, relacionando as três “potências do pensamento”: a filosofia, a arte e a ciência (DELEUZE & GUATTARI, 2007: 253)².

Deleuze defende sua perspectiva criando os seus próprios conceitos³. Um deles, que busca apontar para um novo paradigma de pensamento, é o rizoma, de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (2006), um conceito que surge como uma subversão ao paradigma arbóreo/arborescente na estrutura do conhecimento, representado pela árvore, pela raiz. Sílvio Gallo (GALLO, 2003) nos explica que um rizoma é

(...) aquele tipo de caule radiforme de alguns vegetais, formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenáticos, (...) inúmeras linhas fibrosas (...), que se entrelaçam e se engalfinham formando um

¹ “Campo Geral” é a novela publicada inicialmente em *Corpo de Baile* e que hoje faz parte do livro *Manuelzão e Miguilim*

² Interessam, a este estudo, as duas primeiras potências: a arte, que se desdobra em literatura e cinema, e a filosofia, que vai permitir a teorização a respeito.

³ Um conceito cria uma realidade. Deleuze e Guattari apresentam Platão como exemplo, que afirmou que deveríamos contemplar as Idéias, mas precisou antes criar esse conceito de Idéia, precisou estabelecer um *mundo ideal* onde as *Idéias* estivessem. E, a partir desse conceito, surgiram as noções de representação, de simulacro... (em “O que é um Conceito?”, in *O que é a Filosofia?*).

conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do conjunto. (p. 93)

O rizoma tem estreita relação com multiplicidade e tem tudo a ver com uma perspectiva criativa, já que é marcado pela conjunção *e*. Trata-se de um pensamento que se desdobra, pois “(...) nunca há um rizoma, mas rizomas; (...) sempre aberto, faz proliferar pensamentos.” (Ibidem, p.93). Como um mangue, o rizoma conecta pontos quaisquer, é feito de dimensões, de metamorfoses, procede por variações, por expansão, por conquistas, por rupturas, procede pelo meio, revela a potência do entre. Neste caso, a potência da arte, literária ou fílmica.

Quando, em *O que é a filosofia?* (2007), Deleuze e Guattari apresentam a arte como potência do pensamento, lembram que um filósofo é a afirmação de um “eu penso” e o artista, por sua vez, tem a ver como o “eu sinto”. Quanto o artista capta um pensamento, uma idéia, ele traça um recorte, um plano de composição. E neste plano, cria: o pintor, seus quadros; o escritor, seus escritos; o diretor de cinema, seus filmes... Diferentemente do filósofo, que trabalha com conceitos, o artista lida com a força das sensações e cria um bloco que conserva e se conserva: “num romance ou num filme, o jovem deixa de sorrir, mas começará outra vez, se voltarmos a tal página ou a tal momento.” (DELEUZE & GUATTARI, 2007: 213). A arte conserva o sorriso, independentemente do artista que a criou, independentemente do modelo de que se serviu, independentemente dos seus espectadores, que se limitam a experimentá-la. “O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos.” (Ibidem, p.213). Estes, os perceptos e os afectos, são mais do que sentimentos, afeições e percepções. O monumento que a arte constrói, segundo esses

autores, mantém-se em pé sozinho: o percepto é uma paisagem interior ao homem que existe na ausência dele; o afecto é uma passagem, é meio, é algo que vai de um a outro.

Sendo a literatura arte e o cinema, arte, objetiva-se pensar a relação entre a obra literária e a obra fílmica do ponto de vista das suas singularidades, apontar o *bloco de sensações* que cada uma dessas artes foi capaz de produzir.

Exploraremos a relação intensiva com a terra nas duas obras, esse Mutum que, enquanto território, é também um lugar de passagem, marcado por algo que Deleuze e Guattari (2002) chamam de ritornelo. Este conceito, criado a partir da música⁴, funciona para pensar filosoficamente as conexões e as retomadas que estamos criativa e constantemente produzindo em nossas vidas.

O conceito de ritornelo nos ensina a entender a arte e a filosofia como algo que retorna, mas que se repete na diferença, em espécie de eterno retorno nietzschiano. Por isso, é possível dizer que o ritornelo explora de maneira especial as forças da criação. Há algo nascendo na arte. As palavras estão todas aí, a serem repetidas, exploradas, usadas. As notas musicais, então, tão poucas... Mas a sua combinação, aquilo que faz com que fiquem juntas, o agenciamento que fazem delas os artistas, os filósofos, transforma-as e nos apresenta outra coisa, que não tem a ver simplesmente com uma novidade ou com o surgimento de algo que ainda não existe, como no caso de uma invenção científica: a potência do ritornelo é uma força, uma sensação de ressonância em nós, uma presença que surge e escapa, um salto para fora, um bloqueio daquilo que é o mesmo, a apresentação de um outro quadro de relações. E de repente “vemos” algo antes não visto.

⁴ Em termos bastante gerais, na música, o ritornelo indica uma ação de retorno, como em refrão de canções, estribilhos, ou na retomada de uma introdução ou de qualquer parte da melodia.

Na arte, é como se chegássemos a uma espécie de êxtase, uma alegria, uma sensação que nos tira do lugar da mesmice.

Pretende-se explorar os ritmos de que se compõe o ritornelo, nessa relação com a terra. A ausência ou a presença de sons acompanhando determinada cena produzem efeitos, intensificam uma idéia, causam impressões. Em “Mutum”, por exemplo, não há canção que acompanhe as cenas do filme. A trilha sonora é feita de sons do lugar (aves, ventos, bichos, farfalhar, trovões...) e tem a potência de nos conectar ao universo do mineiro do Mutum.

O Mutum surge nas duas obras como um forte elemento territorial. Na literatura rosiana, uma paisagem e um motivo territorial formam rostos e personagens rítmicos, extremamente conectados a terra; sua conexão com a terra enriquece as relações internas, dá impulso à ação dramática. Podemos afirmar, por exemplo, que as personagens de Guimarães Rosa são geomórficas: formam-se no meio, surgem nas relações, no entre da alegria-tristeza, da força-perigo, da fé-medo, marcados no território... Devido às intensidades do sertão rosiano, temos dificuldade de perceber o que a ele pertence e aquilo que se manifesta através dele. Kogut soube intensificar a terra, de Rosa, em seu filme. O Mutum fílmico é poético. Este lugar, entre morros, que o conto localiza no “(...) meio dos Campos Gerais, (...) em covoão em trecho de matas, terra preta, pé de serra” (ROSA, 1984: 13), é um lugar bonito, que a luz das câmeras soube destacar bem, e também pobre, como as sombras sabem revelar. As tomadas da casa e de seus arredores têm um tom de fotografia. Uma luz amarelada que explora a claridade. E só não se parecem mesmo uma seqüência de fotos por causa da trilha sonora, dos sons do lugar.

Assim, a imagem parada se coloca em movimento. Algo pulsa continuamente, mesmo quando a ação não aparece na tela.

Relacionar-se com, arriscar-se, experimentar heranças. Provocar-se com uma questão e responder a si mesmo. Dar e dar-se a pensar. Apresentar um outro quadro de relações e de agenciamentos possíveis. Pensar o meu território. Por onde ando? O que há no caminho que sigo diariamente? O que pode me afetar nesses trajetos cotidianos? Quais são os sons que ouço? Que ritmos exercito? Que sons me ampliam a visão? Nomadismo de asfalto, concreto, chão fabricado. Trans-ver linhas, experimentar, captar sonoridades.

Se o homem é um bicho da terra, geomorficar-se, em motivos e contrapontos. Prisma de luz e sombras. Um-personagem, um-multidão. Agamben. Um-qualquer. Aquele que *quer*, um ser do desejo, do querer ser, do não indiferente, daquele que tem vontade, que tem pertença, ser que *quer*. O qualquer que reduz o individual ao universal, que transforma as singularidades em membros de uma classe com propriedades comuns (*um comunista, um aluno, um poeta...*) perde sua identidade. Para Giorgio Agamben, filósofo italiano contemporâneo, o que é comum “não pode em nenhum caso constituir a essência de uma coisa singular” (AGAMBEN, 1993: 22). Para a “individuação de uma existência singular” é preciso haver a variação de linhas que passem do comum a traços particulares que vão identificar esta existência. “*Qualquer é, neste sentido, o acontecimento de um exterior*” (Ibidem, p.54 – itálico do autor). Uma experiência, uma passagem, é exterioridade que não está além, em outro espaço.

Pensar com imagens, transver Guimarães Rosa: o que se manifesta neste Mutum?

Esta comunicação traz uma composição, um plano de imagens e de sons, para pensar... E de repente, talvez, “ser surpreendido.(...) Alguém me faz ouvir algo que nunca

ouvi antes e de repente toda uma comunidade, todo um povo e sua vida, se abre virtualmente à minha frente.” (FERRAZ, 2005: 70).

A potência do ritornelo na música, a potência do ritornelo nas artes, na filosofia, não têm a ver com uma relação de novidade. Desenha-se um território que se desterritorializa e se reterritorializa, que muda de foco, mas mais do que isso: experimentar o ritornelo é uma experimentação, é ser atravessado por um corte, um ponto de cruzamento entre coisas, uma idéia girando, uma dança, uma brincadeira séria. “Palavras que acabam de chegar, como que pela primeira vez” (Ibidem, p.110).

Intensividades da terra, devires expressivos, que sempre voltam e se reapresentam. O ritornelo faz germinar, produz movimentos, inclusive os que escapam a terra e lançam-se para fora, para o Cosmo.

Ensaia-se, na criação em ritornelos.

Ensaio, uma forma não regulada de escrita, uma brincadeira de hecceidades, uma leitura transversal, um deslocamento, uma abertura a.

Ruminar, inquietar-se.

Movimentos líquidos, intensivos, moleculares.

Experimentação.

Promessa de acontecimento (LOPES, 2003: 178) em espelhamento. Veja o filme: *ue mutum eu*, seguindo o link: <http://www.vimeo.com/9549226> . E releia o texto.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução de Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade. Edição brasileira organizada por Luís B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado

Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 5ª reimpressão, 2007.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 4ª reimpressão – 2006.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão – 2002.

FERRAZ, Sílvio. *Livro das Sonoridades [notas dispersas sobre composição]*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LOPES, Silvina Rodrigues. *Literatura, Defesa do Atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.

Filmografia

KOGUT, Sandra. *Mutum*. Brasil, 2007. 95 min.